

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Comunicação Social

Arides ou Sedira:

A memória de um pioneiro do jornalismo esportivo em Juiz de Fora

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Vitor Silva Ramos

Arides ou Sedira:

A memória de um pioneiro do jornalismo esportivo em Juiz de Fora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Professor Doutor Marcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Vitor Silva Ramos

Arides ou Sedira:

A memória de um pioneiro do jornalismo esportivo em Juiz de Fora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Professor Doutor Marcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso/Dissertação aprovado(a)

em 07/02/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

Professor Doutor Marcio de Oliveira Guerra (UFJF) - Orientador

Professor Mestre Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado

Professora Mestre Christiane Bara Paschoalino (Instituto Vianna Júnior)

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Dedico este trabalho aos meus pais, Rubens e Shirley, responsáveis por tornar possível a busca pela carreira jornalística.

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a trajetória do jornalista Arides Braga, para que seja possível elaborar um documentário sobre sua vida. Essa tarefa somente poderá ser realizada após ser possível entender, através de uma análise da bibliografia existente sobre o assunto, os principais conceitos sobre o documentário, mostrando como se deu seu desenvolvimento ao longo do tempo, as técnicas de formulação e a utilização dos relatos das fontes. Neste contexto é possível também observar as relações entre memória e sociedade, e como a História Oral tem de ser utilizada para enriquecer o trabalho. Através da utilização de todos estes mecanismos, o trabalho servirá como fonte física de relatos orais de pessoas que tiveram contato muito intenso com o personagem estudado, um pioneiro do jornalismo esportivo de Juiz de Fora.

Palavras Chave: Biografia, história oral, memória, sociedade e Arides.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	03
2 O DOCUMENTÁRIO.....	04
2.1 CONCEITUANDO O DOCUMENTÁRIO	04
2.2 O DOCUMENTÁRIO DIVIDIDO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE.....	08
3 MEMÓRIA E SOCIEDADE	12
4 O PIONEIRO ARIDES BRAGA	21
5 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS	29
APÊNCICES.....	33

1 INTRODUÇÃO

Reconhecendo a função histórica e social do documentário, instrumento que pode desempenhar um importante papel de guardião de uma memória coletiva ou individual, esse tipo de produção fílmica tem certas peculiaridades que o torna muito diferente dos demais materiais cinematográficos. Neste sentido, torna-se necessário descobrir quais são essas peculiaridades, e quais são suas funções dentro do desenvolvimento de um documentário.

Deste modo, o presente trabalho se propõe, primeiramente, a discutir alguns conceitos que são discutidos sobre a produção de um documentário e também a relação entre ficção e realidade dentro da construção desse tipo de material. Além disso, tornar-se-á possível entender como esse tipo de produção fílmica é um importante retentor de cultura dos mais diversos grupos sociais. A importância que a preservação da memória tem para a construção de uma identidade social também deve ser levada em consideração, seja qual for o objetivo em se produzir qualquer bem de importância cultural.

Finalmente, o trabalho tem o objetivo principal de mostrar detalhes da trajetória de Arides Braga, botafoguense histórico e importante jornalista juiz-forano do século XX, um dos baluartes do desporto da cidade e que tinha um grande interesse pela preservação da memória do esporte da cidade.

2 O DOCUMENTÁRIO

Instrumento de preservação de uma identidade social seja ela individual ou coletiva, os documentários foram, ao longo dos tempos sofrendo mutações em suas características. Contudo, é preciso entender quais são essas características e porque essas mudanças aconteceram e também os cuidados que se deve ter quando se mistura a ficção com a realidade.

2.1 – Conceituando o documentário

Embora haja bastante discussões e conceituações quando se fala em documentário, é senso comum entre os estudiosos, que este estilo produção jornalística é um trabalho que tem a intenção de criar um laço entre o autor da produção e quem recebe a informação. Neste sentido, o receptor vai adquirindo certa familiaridade com o que está assistindo e, deste modo, torna-se capaz de refletir sobre os fatos que estão ali expostos. As discussões acerca da função objetiva do documentário também são acaloradas. Elas tratam de seus objetivos primordiais, que podem ser o de informar com isenção, educar ou apenas entreter. Segundo Doc Comparato (2000, pág.341):

o documentário tem de ser, acima de tudo, imparcial; deve tentar informar sobre um acontecimento baseando-se apenas nos fatos. O documentário, tal como os materiais para os programas informativos, tem a finalidade de reproduzir um fato tal como e, evitando interpretações subjetivas e pontos de vista puramente pessoais, embora também exista a possibilidade de escrever um documentário de um ponto de vista pessoal, indicando que assim foi feito. Um bom documentário nunca se acaba, jamais encerra um tema.

Aqueles que defendem a tese de que os documentários devem manter sempre o máximo de isenção por parte de seu autor, acreditem que os fatos que estão expostos devem sempre propiciar o maior numero de ângulos possíveis, deixando para o receptor a tarefa de

fazer as interpretações sobre o que está apresentado. Não pretenderá convencer o espectador, mas fazê-lo refletir sobre aquele tema.

Deste modo, para se entender as principais diferenças entre os diversos modos de se conceber um documentário é necessário observar como os processos de subjetivação fílmica foram se dando através do tempo, observando como a maneira de se pensar e de se conceber um documentário foram sendo alteradas com o passar dos anos, de acordo com uma tendência de cada época, sem que uma tendência se sobrepujasse a outra. No Brasil, os estudos de maior relevância buscam observar a relação do sujeito receptor com o documentário, se atendo ora na produção fílmica do documentário propriamente dito, ora na relação ativa ou passiva do espectador com o filme.

Até os anos de 1980, os estudos sobre documentários procuravam se ativer apenas para o conteúdo e o modo como ele era confeccionado, se preocupando muito pouco com a participação do receptor no processo como um todo. G. Marco et al.(2008, pag.276) ressalta que

os estudos até os anos 1980 parecem ter focado um sujeito receptor de imagens, ao qual era dado o papel de apenas receber os significados que se pretendia contidos nas imagens. A partir dos anos 1980, o foco dos estudos voltou-se para o sujeito. As pesquisas, assim, passaram a supor um sujeito dotado, por exemplo, de valores, crenças, saberes, cultura, que irá interagir com o objeto fílmico na produção dos significados. Alguns estudos chegam a afirmar a contextualização do papel do espectador em termos de sexo, classe, raça, nação, região, entre outros.

Atualmente o documentarismo segue uma tendência que abrange princípios como registrar acontecimentos do mundo da forma mais real possível ou até mesmo in loco, apresentar os temas a partir de um ponto de vista que atraia atenção do grande público e ou de um público segmentado, e também fazer a combinação de materiais obtidos in loco e misturá-lo com algum outro tipo de material que remeta ao assunto abordado, como por exemplo, obter imagens de uma tragédia e recombina-la com entrevistas feitas com participantes do

acontecimento em um período posterior. Todas essas características se apoiam no passado e na forma tradicional como os documentários eram produzidos, marcando uma identidade própria de um filme com um estilo bastante peculiar se o compararmos com as outras formas de produção fílmica.

Esse estilo jornalístico foi quase sempre estereotipado, tanto por quem o produz, mas principalmente pelo receptor, que remete o documentário a algo informativo ou de caráter social. Nesse sentido Penafria (1999, pag.3) ressalta que:

o documentário ficou conotado como sendo um filme de responsabilidade social onde predomina a voz em off (esta é uma das razões porque o documentário é geralmente confundido com a reportagem) de tom sério, pesado e, conseqüentemente, vulgarmente entendido como maçador e aborrecido. Ao apresentar-se como tal apenas ganhou nos últimos anos nada mais que uma forte marginalização. O documentário deve assumir-se e ser entendido sempre como um ponto de vista, como um filme que apresenta e constrói argumentos sobre o mundo.

Sendo assim, debruçando-se sobre este viés de observação da realidade, chegamos a um modo de estudo que objetiva analisar um documentário como um objeto de construção da realidade. O Modo reflexivo busca, a todo o momento, entender como se dá a relação entre o documentarista e os indivíduos que compõem a realidade que o documentário apresenta. Como resultado dessa interação, o material apresentado na produção fílmica representaria a construção da realidade, levando a uma reflexão que vai muito além do que é mostrado no material, necessitando também, por parte do receptor, uma abstração muito mais abrangente. Nessa intenção de transmitir a realidade, os documentaristas que trabalham com esse modo de fazer documentários buscam além de fazer o receptor pensar de maneira intrínseca sobre o assunto, observar elementos que aparecem no filme de modo subjetivo. Para Silvestre (2006, pg.56):

o documentário reflexivo dá voz àquilo que parece ser invisível, não se limitando a transmitir as visões dominantes, ou seja, permite o surgimento de uma nova forma de ver a realidade e de uma nova perspectiva distintiva sobre a ordem social. Ao

fazê-lo contribui para uma maior consciência da audiência, que passa, rapidamente, a perceber não só o que é, mas também o que pode vir a ser.

Outro modo de se conceber um documentário é o Modo Performativo, que tem como principal característica o questionamento acerca dos acontecimentos. São observados aspectos como o da subjetividade e da memória emocional que o autor do documentário emprega na realização do mesmo. Olhando por este viés, o documentarista coloca de lado o lado factual e emprega sua perspectiva sobre o que está sendo retratado, fato que pode distorcer a história que está sendo contada. Há deste modo, uma mistura entre realidade e ficção (possíveis distorções ou perspectivas psicológicas do documentarista). Nesse sentido Nichols (1991, pg.156) entende que

como resultado desta opção assistimos a uma combinação de valores factuais com valores ficcionais, ou seja, explora-se o lado factual e imaginativo dos acontecimentos. Foge-se, assim, um pouco ao realismo evidencial que é fundamental para todo o discurso jornalístico. Esta subjetividade pode juntar elementos discursivos que, à partida, parecem ser antagônicos: junta o geral com o particular, o individual com o coletivo e o político com o pessoal, ou seja, embora a dimensão expressiva assente em indivíduos particulares estende-se também a uma dimensão social que funciona enquanto uma resposta subjetiva. Mas não é uma subjetividade qualquer, já que se insurge contra o tipo de documentário que representa de forma distorcida a realidade marginal.

Esse tipo de documentário utiliza elementos como planos de pontos de vista, a recorrência a música e flashbacks para dar ênfase a essa “realidade ficcional”, utilizando – se também do emprego de textos com uma retórica fática que visa convencer o receptor de alguma teoria. De qualquer modo, esta forma de se conceber um documentário visa, sobretudo, a perspectiva de quem o produz, com cenas de sua memória afetiva e é, certamente, impregnado por resquícios de sua bagagem e vivência cultural. Torna-se necessário então, observar como a realidade e ficção se relacionam dentro da construção de um documentário.

2.2 – O documentário dividido entre ficção e realidade.

Segundo Deleuze (1990), o modo de se conceber o documentário muda de configuração a partir de meados dos anos de 1960, onde a forma de se fazer a narrativa fílmica interfere essencialmente na contraposição entre realidade e ficção dentro da produção. Para o autor, real ou ficção não se opõem. O que muda segundo Deleuze (1990, p.184) é a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro.

O que os pesquisadores sobre documentários têm como crítica, não é a utilização do ficcional em si, visto que também não querem enfatizar a ideia equivocada de representação fiel da realidade. O que pretendem defender é a utilização de ferramentas ficcionais dentro do filme, desde que essas não interfiram na interpretação da realidade empírica contida dentro do documentário. Pretende-se, portanto, apropriar-se da ficção para compor a realidade que se pretende mostrar. Essa ideia se expressou no país através de alguns movimentos como o cinema novo e o cinema marginal.

Neste sentido, os documentaristas começaram a ter uma visão mais nítida da situação em que o país se encontrava na década de 60 e esse panorama passou a ser representado com maior frequência nas produções fílmicas.

Essa geração de documentaristas se posicionou de forma crítica diante da realidade brasileira e transformou sua postura em relação ao público. Foram introduzidas a estética e a técnica do cinema verdade ou cinema direto, os quais não buscam eliminar a ficção em favor de uma realidade bruta, mas sim apreender o passado e o futuro coexistentes à imagem presente. Essa ética e estética estão presentes ainda contemporaneamente no documentário brasileiro, sem, entretanto, constituir um estilo homogêneo. (G. MARCO et al., 2008, pag.276)

Atualmente não há uma divisão entre real e ficção na produção de documentários. Na verdade o que há é justamente o contrário, uma relação bastante próxima onde ambos acabam por assumir papéis indistinguíveis. Outra característica bastante perceptível nos documentários da atualidade é o rompimento com padrões técnicos tradicionalmente utilizados nesse tipo de produção, como por exemplo, a filmagem continuada, ou sem cortes, trazendo uma sensação muito mais perceptível de representação da realidade por parte do receptor. Essas transformações puderam se dar devido às inovações tecnológicas dos equipamentos que são utilizados durante a construção do material, possibilitando também, uma melhor qualidade da imagem do mesmo.

É importante salientar também a interferência que o documentarista tem nessa relação entre realidade e ficção na confecção de um documentário. O autor do documentário não é apenas o transmissor da mensagem. No momento em que o documentarista se propõe a realizar um trabalho dessa natureza, ele já está interferindo na realidade daquilo que deseja abordar, visto que possui um ponto de vista e que faz uma minuciosa seleção do que irá ser mostrado, sendo impossível uma isenção total de sua parte.

Ele é um sujeito que interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos mas que nunca vimos. O documentário tem por função revelar-nos (aos intervenientes e aos espectadores) o mundo em que vivemos. Acima de tudo, um documentário transmite-nos não a realidade (mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade "tal qual") mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabeleceu com os intervenientes. (PENAFRIA, 2001, pag.07)

Outro ponto importante é a abertura que o documentarista deve ter para receber informações dos sujeitos que compõem a realidade que se pretende abordar. São esses sujeitos que constituem a história e são eles os maiores entendedores do que se pretende abordar. O ponto de vista desses personagens, além de ser uma das fontes mais importantes do contexto, também dá certa naturalidade à história, visto que a imprevisibilidade de seu depoimento foge

do controle do que estava previsto em uma determinada produção. A participação desses sujeitos gera uma interação muito mais próxima com outro personagem de elevada importância para esse contexto: o telespectador. Este, a partir de relatos e pontos de vistas de personagens reais inseridos no documentário, passa a compreender as perspectivas de mundo dessas pessoas diretamente ligadas ao enredo do filme. Deve-se, portanto, procurar estudar bem as escolhas e interferências que o documentarista efetuar na construção do material fílmico, para que este possa explorar o que há de mais sensível em determinada realidade, acrescentando o ficcional advindo de suas percepções de mundo sem comprometer o que todos os personagens da construção fílmica podem oferecer naturalmente através de suas visões de mundo e de sua realidade humana. O documentário pode, então, segundo Nichols (1991, pg.156), ser

um argumento sobre o mundo histórico e, como tal, será sempre uma representação da realidade e não uma reprodução, isto porque, a partir da evidência das imagens e de elementos persuasivos, retóricos e argumentativos, que têm uma base histórica; permite aceder ao argumento apresentado que não é mais do que um ponto de vista criado pelo documentarista.

Segundo Bill Nichols, os documentários buscam representar a realidade através de algumas características essenciais. O documentário deve assumir uma posição sobre determinado assunto, para que durante todo o processo possa “defender uma tese” e a desenvolvê-la durante todo o desenrolar do filme. Outra característica desse tipo de material é sua ligação com entidades que quase sempre investem nesse tipo de produção. Na maioria dos documentários, interesses estão envolvidos, tornando-se nítidos no próprio enfoque que o documentarista dá a obra. Por fim, a característica básica dos documentários é a intenção da familiaridade entre o espectador e o assunto abordado no filme. O documentário oferece uma representação do mundo familiar, ou seja,

dá visibilidade a situações e eventos, a pessoas e lugares, aos quais seria possível aceder fora do cinema ou da televisão. Como as imagens têm uma fidelidade considerável, o espectador facilmente acredita na sua veracidade, muito embora uma imagem não consiga contar tudo o que se pretende saber sobre um determinado acontecimento. (NICHOLS, 1991, pg.156)

Portanto, dissociar realidade e ficção na construção de um documentário é algo impossível visto que são utilizadas diversas ferramentas ficcionais nesse processo. Essas ferramentas somente tendem a enriquecer e contribuir para o desenvolvimento desse tipo de produção fílmica, tão marginalizada e estigmatizada por seu caráter informacional e educativo. Os elementos ficcionais podem dar mais dinamicidade aos documentários e atrair um público que até então se mantém afastado desse tipo de produção. Essa mudança de conceito pode ser feita sem que a essência de representação da realidade seja perdida.

3 MEMÓRIA E SOCIEDADE

Quando se fala em memória, o senso comum remete à ideia de algo individual ou particular de uma pessoa. Contudo, esse conceito deve ser entendido como algo comum a um grupo social ou a uma coletividade, estando à mercê de algumas transformações. A memória individual de uma pessoa é bastante influenciada pela memória coletiva, isto é, uma lembrança de uma realidade é mais facilmente codificada quando está mais presente no consciente de uma coletividade.

Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual, mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. (POLLACK , 1992, pg.2)

Através do estudo da bibliografia sobre o tema, foi possível observar que quando alguma experiência ou história é passada de geração em geração ou quando alguma informação faz parte da cultura de determinada sociedade, ela acaba fazendo parte de sua realidade, tornado elemento formador de sua identidade. Essas experiências podem ser acontecimentos vividos por um indivíduo ou pelo grupo, através do conhecimento da história, da política, ou também pela identificação de fatos que moldaram a organização social de determinado grupo ou região geográfica. Além disso, a memória também é constituída através das pessoas, com suas memórias passadas através dos tempos, ou através de personagens que tiveram papel significativo na realidade social, política e cultural de um grupo. Os espaços físicos também elementos constitutivos de memória. Através deles, podem-se estudar hábitos, costumes e conseqüentemente formular conceitos que, após serem comprovados, poderão em um futuro fazer parte da memória coletiva de um grupo, mesmo

não tendo vivido aquela realidade em uma mesma época. Esses espaços físicos também podem fazer parte da memória individual, como um lugar que remeta à infância ou a uma situação de vida marcante do indivíduo.

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLACK, 1992, pg.3)

A relação entre memória individual e coletiva é bastante tênue, visto que uma se apodera da outra, servindo como elementos constituintes de um contexto abstrato que é resultado de uma série de fatores sociais e políticos que formularam e continuam, a todo o momento, a servir de base para intermináveis transformações culturais nas sociedades. A velha máxima utilizada pelos estudiosos da História de que é necessário conhecer o passado para entender o futuro e projetar o futuro só se torna verdadeira se houver um entendimento claro do conceito de memória. As lembranças e costume que os grupos sociais trazem através do legado de seus antepassados são os alicerces que constituem as convenções e práticas sociais de um grupo no presente. Todos esses costumes e crenças formulam as bases éticas de determinada coletividade, possibilitando, porém, brechas para possíveis transformações que não afetem sua essência.

Se a crença social fosse apenas ideia, o pensamento social seria puramente lógico: não admitiria senão o que convém às condições atuais. Se a crença social fosse apenas tradição, não deixaria nele penetrar nenhuma ideia, nenhum fato que estivesse em desacordo com crenças antigas. (MANCUSO, 2002, pg.5)

Deste modo, a memória não somente serve de alicerce como também é base de um perfil cultural de uma sociedade, que pode ser mais ou menos propensa a alguma transformação mais drástica.

O costume que um grupo social possui somente é alicerçado quando se torna uma ideia e é colocada em prática no cotidiano das pessoas. Deste modo, essas práticas vão ficando enraizadas no inconsciente coletivo tornando-se parte do que eles têm como verdade ou senso comum.

Toda personagem e todo fato histórico, desde que penetrem nesta memória, aí se transpõem em um ensinamento, em uma noção, em um símbolo; ele recebe um significado; ele se torna um elemento do sistema de ideias da sociedade. Assim se explica que possam afinar as tradições e as ideias atuais; é que, em realidade, as ideias atuais são também tradições, e que uma e outra exigem, ao mesmo tempo e ao mesmo título, uma vida social antiga ou recente, na qual tomam seu impulso. (HALBWACHS, 1952, p.296)

Ao estudarmos a memória e o porquê de certos acontecimentos se perpetuarem nas lembranças e na base cultural de uma sociedade, é necessário entender como a memória serve de referência para construções sociais, sejam elas de quaisquer tipos. Toda e qualquer tipo de representação de uma sociedade é resultado de um conjunto de consciências coletivas que formam senso crítico e de práticas de comportamento. Essas consciências são disseminadas através de inúmeros indivíduos que as vão passando de geração em geração, tornando determinado pensamento parte do íntimo de um indivíduo e se misturando ao conhecimento do grupo a que ele faz parte.

As representações coletivas exprimem a sociedade e resultam da combinação das consciências individuais. Elas são produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí a sua experiência e o seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo aí está como que concentrada. (DURKHEIM, 1989, p.45)

A memória formada por vários indivíduos, resultado da interação do conhecimento compartilhado por cada um, possibilita então que haja uma troca de

informações que vão, aos poucos transformando as sociedades, recriando uma realidade, sem que haja uma substituição drástica de um comportamento natural ou tradicional. Essas manifestações que são fruto de uma memória coletiva são essenciais para que uma sociedade não perca sua identidade, visto que memórias individuais são mais suscetíveis a mudanças e ao esquecimento.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente muito importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p.204)

Há, portanto, certa continuidade quando se trata de memória relacionada à identidade, visto que essa pode ser continuamente reconstruída, mas isso somente será possível através de elementos constitutivos da memória, como lembranças e experiências por exemplo. É necessário ter uma interpretação bem minuciosa enquanto ao papel do tempo no estudo da memória e da formação da identidade, por conseguinte. Experiências vividas no presente, por exemplo, podem afetar a visão que o indivíduo tem sobre alguma lembrança que possui do passado, alterando a memória que tem sobre essa experiência. Essa coerência com o que o indivíduo tem com o que vê como “verdade” faz com que sua identidade seja constantemente reconstruída através de uma memória também reconstruída.

Deste modo, o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: uma que se atem aos aspectos vivos e materiais da lembrança — o tempo presente, e aquela que reconstrói o que é do passado do indivíduo. (DUVIGNAUD, 1990, p.13)

Um fator primordial para a solidificação da memória individual é a afetividade. As situações vividas que remetem a algo íntimo da pessoa é um elemento bastante forte para que essa lembrança se solidifique e se transforme em algo representativo para o indivíduo. Essa

memória acaba se tornando parte da pessoa, constituindo sua identidade. Quando se observa essa intimidade por parte de um grupo, isto é, representada na memória coletiva, nota-se que ela somente se dá quando se refere a algo tradicional, que já faz parte do pensamento ou da realidade dessa sociedade há algum tempo.

As situações vividas somente se transformam em memória se aquele que se lembra sentir-se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertenceu. O afetivo indica o pertencimento. Para que um grupo físico seja um grupo afetivo ou grupo — comunidade, é preciso que haja uma certa duração na convivência. Essa característica aponta para a questão do tempo, para a dimensão da continuidade. A história não é memória porque há descontinuidade entre quem a lê e os grupos, testemunhas ou atores dos fatos narrados. (D'ALÉSSIO, 1993, p.98)

A memória de um indivíduo é reflexo da visão que este tem da representação dessa mesma memória no âmbito coletivo, visto que as percepções individuais nada mais são do que fruto de um meio ou cultura a qual todas as pessoas estão inseridas. As relações dentro do contexto que cada pessoa está inserida é algo fundamental para que uma informação seja relevante dentro de um pensamento individual. Com o passar do tempo, aquilo que é mais pessoal ao indivíduo torna-se menos presente em sua memória quando não tem uma relação constante com a experiência.

Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios. (HALBWACHS, 1990, p.49)

Essa reconstrução pessoal da memória encontra-se, portanto inserida em um meio de informações que são trocadas constantemente pelos indivíduos de uma sociedade, que a todo o momento as invocam como base para seus pensamentos.

Além das relações entre memória coletiva e individual e o resultado que suas interações provocam na formulação de um saber intelectual, é necessário observar a importância da forma como essas informações são transmitidas, isto é, através de uma análise dos relatos orais ou escritos. Desta forma, a veracidade e idoneidade das fontes dão uma base sólida ao pesquisador que se propõe a analisar determinado grupo social e suas lembranças. Nos estudos históricos, as fontes físicas, isto é, documentos, arquivos, objetos e monumentos serviram sempre como fontes seguras, ou pelo menos propensas à interpretações que pudessem comprovar uma tese sobre o desenvolvimento e a cultura de determinado nicho social. Contudo, as fontes orais atualmente são uma importante ferramenta para captar informações e comprovar estudos sobre a história que se está contando. A principal crítica em relação à história oral é que ela se dá através da interpretação de quem a conta, sendo inundada de pontos de vistas, não sendo totalmente isenta. Contudo, documentos físicos também podem ser manipulados. De qualquer modo, a investigação através da maior quantidade de fontes, sejam físicas ou não, é a forma mais segura de comprovação de determinada linha de raciocínio sobre qualquer tema.

A história oral permite fazer uma história do tempo presente, e essa história é muito contestada. Há vários tipos de hostilidades. Por exemplo, há uma oposição entre fontes clássicas, legítimas, e fontes que estão adquirindo nova legitimidade. Por tradição, a corporação dos historiadores já não vê com muito bons olhos o campo da história do tempo presente, e a história oral, então, é o nec plus ultra da novidade. O problema da história contemporânea é que geralmente os arquivos ainda não foram abertos, não há possibilidade de cruzar os dados com outras fontes, as próprias fontes são bastante duvidosas, só se dispõe de jornais, que são considerados fontes de terceira ou quarta categoria. (POLLACK, 1989, p.12)

As fontes escritas não devem ser consideradas documentos irrefutáveis, visto que além de conter o ponto de vista de quem as fabricou ainda podem conter alguns erros, como é o caso de documentos burocráticos, que nem sempre são formulados de maneira honesta, podendo serem usados de subterfúgio para manobras políticas ou administrativas. Neste caso,

uma fonte escrita tem menos importância que uma oral, que pode ser muito mais rica em detalhes se for extraída de fonte confiável.

Quando o historiador positivista, que acredita naquilo que está escrito, nas assinaturas que constam no manifesto, ouvir as pessoas que supostamente assinaram, ele vai levar um susto com o susto dessas pessoas. Isto porque, frequentemente, as pessoas que organizam os abaixo-assinados não têm tempo de telefonar para todo mundo, contam com a concordância de um cidadão, colocam seu nome e depois esquecem de avisá-lo. Este é um caso em que a fonte escrita não possui validade superior à da fonte oral. (POLLACK, 1989, p.13)

Deve-se, portanto, dar bastante credibilidade às fontes orais, igualmente como se dão à chamada História Oficial, advinda de documentos registrados. Nesse registro oral, a identidade do indivíduo fica muito mais nítida, resgatando-o como sujeito no processo histórico, que produz ideias e relata feitos que aconteceram em diferentes tempos. Além ser utilizado como fonte, o indivíduo passa a atuar também como construtor de uma memória coletiva. O resgate do depoimento oral é, então, uma forma de inclusão social de um indivíduo dentro do contexto histórico ao qual ele esteve inserido, o que não aconteceria se somente fossem utilizadas fontes escritas.

A História Oral é um espaço de contato e influência interdisciplinares sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitiram, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos sociais. (...) A história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e na versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (AMADO e FERREIRA, 2005, p.16)

Não cabe fazer uma hierarquização das fontes históricas, mas sim utilizá-las de maneira conjunta, de forma que uma complete e confirme a outra. No caso da fonte oral, pode-se buscar confirmações e fontes escritas do que está contido no depoimento, obtendo uma investigação mais completa e um trabalho muito mais aprofundado e com fundamentação.

Visto a importância da memória, tanto individual quanto de um grupo, para o estudo cultural e organizacional de uma sociedade, observando as maneira com que as informações podem ser obtidas, cabe também analisar como a memória está inserida na sociedade contemporânea. Nesse sentido é interessante observar que os meios de informações estão passando a ser cada vez menos encontrados em documentos físicos, mas agora digitais.

com a intensificação da presença da informática – que permite a criação, captura e gestão da informação na sociedade contemporânea - inicia-se um processo de mudança de paradigma existente, disparando a percepção do valor da informação e, numa visão mais direcionada. (ANDRADE, 2006, p.151).

Além disso, foram criados os chamados “lugares de memória”, que vão muito além das tradicionais bibliotecas, com documentos digitalizados, obtendo uma segurança muito maior de preservação de materiais que poderiam se deteriorar com o passar do tempo. Com os recursos midiáticos e com as transformações tecnológicas as obtenções de fontes de pesquisas vão muito além de registros formais ou manuscritos de entrevistas. Com uma sociedade muito mais globalizada e socialmente desigual, a construção da memória coletiva caminha para um futuro difícil de almejar.

Além disto, a nova configuração social leva-nos a considerar a memória social numa perspectiva de futuro incerto, já que nos deparamos com uma sociedade na qual se vê desequilíbrios face às velozes e constantes alterações nos quadros sociais, alterações nas relações do sujeito com seu grupo identitário, transformando a forma de se pertencer, socialmente. (KEMP, 2003, p. 65)

Tornam-se necessárias neste cenário, políticas públicas de democratização da informação, tendo em vista o enorme abismo de desigualdade social existente na sociedade contemporânea, deixando o controle das informações nas mãos de poucos, e também graças à dificuldade de se obter educação para grande parte da sociedade, fazendo com que a tradição da transferência cultural de geração a geração torne-se cada vez mais rara.

Deste modo, a confecção de um documentário sobre a trajetória de um dos baluartes do jornalismo esportivo de Juiz de Fora, o jornalista Arides Braga, é essencial para que a preservação da memória da cidade e das instituições em que ele teve relevante papel na construção de sua história. Além disso, são muito poucos os documentos físicos disponíveis sobre a vida do jornalista até o presente momento. Um documentário em audiovisual, juntamente com outro documento escrito mostrando a vida e carreira do jornalista juiz-forano além de uma justa homenagem, é um importante documento para aqueles que se interessarem em estudar a história do jornalismo esportivo e da cidade de Juiz de Fora.

4 O PIONEIRO ARIDES BRAGA

Muito se fala sobre a real importância que alguns profissionais têm na construção da história de determinada classe. Discute-se sua atuação profissional e sua influência no meio em que circulava. Mas quando se fala em Arides Braga, essa discussão torna-se muito mais complexa, pois sua história se confunde com a própria história do jornalismo esportivo brasileiro e, principalmente, de Juiz de Fora.

Arides nasceu em Juiz de Fora em 1917, e era filho de Aristóteles Braga e Cecília Braga. Casado com Maria José Fortes Braga teve três filhos: Laerte, Sérgio Augusto e Luiz Carlos. Sua carreira jornalística foi marcada, sobretudo, pelo período em que trabalhou nos Diários Associados em Juiz de Fora. Trabalhou também como dirigente esportivo e na Junta Militar de Juiz de Fora. Foi também agraciado com muitas menções de Honra ao Mérito, como por exemplo, a de Personalidade juiz-forana de 1978.

Como chefe de família, Arides Braga era um homem muito aberto, e com um pensamento a frente do seu tempo. Em uma época em que os pais eram rígidos e impunham regras às crianças, ele sempre preferiu dar uma educação baseada no respeito e no livre arbítrio. De acordo com seu filho Laerte Braga,

ele era uma figura extremamente carinhosa, muito dedicada aos filhos, com uma capacidade incrível de compreensão das coisas, numa época em que a função do pai, era na maioria dos casos repressora, ele tinha um conceito de educação de conversa, tanto ele como minha mãe. Sempre foi uma amiga dos filhos. A gente tinha uma participação ativa na vida dele, tinha uma participação direta, integrando a gente ao ambiente dele, isso fez com que houvesse enormes facilidades pra gente em determinados aspectos da nossa educação. (apêndice I – A)

Como jornalista, tinha uma personalidade bem peculiar. Sempre lidou com todos na sociedade de uma forma bem humilde e acolhedora. Mesmo tendo posições enfáticas sobre determinados assuntos, sempre se opunha às idéias, mas dificilmente tomava uma discussão

como pessoal. Arides era tido pelos colegas como uma pessoa agregadora, que tentava sempre procurar escutar os anseios de quem convivia com ele.

Ele lidava muito bem com as pessoas, mas na sociedade ele tinha um outro lado. Quando ele não gostava de alguém ou de alguma coisa, ele se tornava feroz opositor, tendo uma característica até rude, certas vezes, no falar, no exprimir o pensamento dele. Mas sempre colocando suas ideias e princípios de forma bastante clara. Mas ele ocupou diversas funções fora do jornalismo, fora do âmbito do esporte, como consequência dessa capacidade agregadora que ele tinha. Ele era capaz de solucionar problemas. Ele não era um homem de causar problemas. Era aquela pessoa que intermediava brigas de amigos, situações complicadas; era uma pessoa com uma percepção intuitiva e cultural de que a linguagem era a principal ferramenta de crescimento humano, de conquista, de avanço, e isso era extremamente positivo. (apêndice I – A)

Mesmo com essa incrível capacidade agregadora, o jornalista não deixava de ser contundente. De acordo com o jornalista Wilson Cid (apêndice I – J) Arides era um cara muito combativo. A coluna dele no Diário Mercantil era sempre muito polêmica.

Formou-se em Educação Física pela antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal Fluminense, e foi nesse período que ele fez amizades que lhe acompanharam pela vida inteira. Além disso, passou a acompanhar o que se passava nos principais clubes do rio de Janeiro, fazendo parte da diretoria do Botafogo e da antiga CBD por um longo período de sua vida. Durante o tempo em que morou na capital fluminense, trabalhou no Jornal O Globo.

Fez amizade com jornalistas como Antônio Maria e Jorge Couri. Gostava de boemia e lidava muito com os boêmios da cidade; passou a ser um deles. E tinha o mundo do futebol que era o mundo dele. Ele foi diretor do Botafogo, Juiz do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, Conselheiro arbitral da antiga Confederação Brasileira de Desportos. (apêndice I – A)

No período em que morou no Rio de Janeiro, Arides circulava entre os principais dirigentes do futebol local, fazendo parte do círculo social de pessoas como João Havelange, que foi presidente da Confederação Brasileira de Desportos e da FIFA. Contando com a simpatia de Havelange, Arides Braga ocupou, em diversas oportunidades, importantes cargos dentro da CBD. Durante este período, o jornalista foi peça fundamental na escolha do

treinador Vicente Feola, então técnico do São Paulo, para ocupar o cargo de treinador da seleção brasileira de futebol na Copa de 1958.

No Fluminense e Botafogo havia um corredor de comunicação entre os clubes devido a essas amizades, e ele fazia parte do chamado “Grupo do Havelange”, sendo o grupo que ficou à frente da CBD por muitos anos. E o Havelange sempre mantinha as pessoas nos mesmos cargos durante as suas administrações e o papai sempre desempenhou suas funções na parte de imprensa ou no STJD. Nesse tempo, o Brasil teve o Zezé Moreyra como técnico e perdeu uma Copa em um jogo traumático contra a Hungria do Puskas em 1954. E havia uma dúvida muito grande de quem seria o técnico em 1958. E ninguém conhecia o Feola direito, mas ele dava muitos títulos ao São Paulo. E foi aí que o papai teve a ideia de sugerir o nome do Feola para o João Havelange, que gostou da ideia, porque o Feola não contrariava a ninguém. E o nome do Feola foi então escolhido. Foi a primeira vez que se formou uma comissão técnica. O Carlos Nascimento era o supervisor, o Abílio de Almeida o coordenador. O Feola era do São Paulo e o Carlos e Abílio do Fluminense. Mas o Feola foi uma lembrança dele. Já o Paulo Machado de Carvalho foi uma decisão do Havelange para fazer uma composição de São Paulo e evitar um desgaste político, pegando um administrador muito eficiente e com uma capacidade de organização muito grande, ajudando o Brasil a ganhar a Copa de 1958. (Apêndice I – A)

Voltando para Juiz de Fora, teve uma carreira marcante nos Diários Associados, onde trabalhou por mais de cinquenta anos. Assinando com o pseudônimo Sedira, seu nome ao contrário, manteve as colunas “Diz que diz” no Diário da tarde (Apêndice II – F) e “Diz que diz Diário” no Diário Mercantil (apêndice II - H). Manteve também a coluna Pessoas e fatos da cidade.

ele voltou para Juiz de Fora, criando um jornal que era geral, onde ele era o editor, e posteriormente foi para os Diários Associados (Diário Mercantil e Diário da Tarde). No Diário Mercantil ele manteve por cinquenta anos, mais ou menos, a coluna Diz que diz diário, sobre futebol, incluindo, às vezes, comentários políticos. Nessa coluna ele assinava como Sedira, que era o nome dele ao contrário. No Diário da Tarde ele manteve, por muitos anos a coluna Pessoas e fatos da cidade que tratava de tudo, menos de futebol. Era uma coluna de fatos, às vezes um tanto quanto agressiva, como por exemplo, uma vez em que publicou uma lista dos dez mais chatos de Juiz de Fora, causando um escândalo com pessoas proeminentes da cidade. (Apêndice I – A)

Além da brilhante carreira jornalística, Arides foi muito importante para a sua classe profissional, fundando o Sindicato dos Jornalistas profissionais de Juiz de Fora em uma época em que a profissão de jornalista não era regulamentada, e suas funções eram desempenhadas

por pessoas que pertenciam às mais diferentes áreas de atuação. De acordo com o jornalista Ismair Zaguetto (Apêndice I – B),

é preciso entender as condições culturais da época. Não se tinha os profissionais de comunicação. Quem fazia os jornais da época eram pessoas que já tinham outro emprego, mas que se satisfaziam em escrever no jornal. O esporte deve muito a ele por essa doação, por amor. Ele era funcionário da justiça militar e cobria o esporte na cidade. Foi alguém que batalhou muito para que essa profissão de jornalismo prosperasse. Foi alguém que abraçou uma causa. Se você folhear os jornais dos Diários Associados vai ver o quanto ele contribuiu para que esse jornal tivesse vida.

Neste sentido, é importante salientar que Arides Braga sempre foi um importante batalhador para que a profissão de jornalista fosse regulamentada da maneira correta, brigando pelos direitos dos profissionais e agregando as pessoas da área no sentido de haver uma união maior, independente do meio de comunicação em que elas estavam inseridas. Essa faceta de Arides, inserido dentro do sindicato foi ressaltada pelo professor Juarez Venâncio (Apêndice I – C), sendo o depoimento corroborado pelas palavras do jornalista Wilson Cid sobre o mesmo assunto.

Enquanto colaborador do Diário Mercantil, ele teve, junto à gerência, um papel muito importante na profissionalização. Os jornalistas deixaram de ganhar contribuições e passaram a ganhar um salário fixo. Então essa contribuição junto ao sindicato dos jornalistas, fez com que a classe devesse muito a ele. Tendo também em vista que a primeira carta sindical do Brasil é a do Sindicato dos Jornalistas de Juiz de Fora, O Arides sempre passou a vida lutando contra a ideia de alguns de fazer com que o sindicato de Juiz de Fora fosse extinto, e fizesse a fazer parte do sindicato de Belo Horizonte ou do Rio. Ele achava que se isso acontecesse nós perderíamos toda a nossa autonomia. E ele estava coberto de razão. O Arides sempre foi um batalhador pela causa da profissionalização. Ele sempre batalhou muito por isso. Ele sempre achou que o principal fundamento dos interesses da classe de jornalistas era o convívio entre os profissionais, porque era uma época em que havia uma disputa muito grande entre os jornais, e era preciso que os jornalistas não se deixassem envolver pessoalmente nessa disputa. Ele era um sujeito exitoso nesse quesito. (Apêndice I – J)

Com uma carreira muito respeitada na cidade, Arides se interessava muito com a história do esporte de Juiz de Fora, principalmente com a dos clubes de futebol, tanto que escreveu o livro “Futebol, futebolistas e etc.” que resgata a história de importantes clubes da cidade. De acordo com o jornalista e professor Márcio Guerra (Apêndice I – H), num tempo

em que ninguém se preocupava com isso, ele já tinha essa visão histórica, em preservar a memória do esporte da cidade. Durante toda a carreira na cidade, Arides gozou de enorme respeito e amizade com os principais dirigentes dos clubes de futebol da cidade, obtendo trânsito livre para conseguir informações que utilizava em suas colunas. Além disso, sua amizade com Canor Simões Coelho, proeminente figura do jornalismo esportivo nacional, e que conhecera nos tempos de Rio de Janeiro, rendeu aos clubes de Juiz de Fora uma boa visibilidade dentro do cenário do futebol nacional da época.

Essa amizade com os principais dirigentes dos clubes juiz-foranos fez com que Arides fosse uma figura muito presente nos momentos mais marcantes do futebol da cidade. O jornalista era torcedor do Sport, algo que se deveu graças à sua estreita amizade com Francisco Queiroz Caputo, presidente do Sport durante décadas. Mesmo com essa característica, sempre manteve um trabalho imparcial, ao ponto de seus colegas de profissão não saberem pra qual time ele torcia. Cobria todos da mesma forma, com o mesmo empenho e procurando as melhores fontes dentro desses clubes que ele tanto circulava. Segundo Laerte Braga (apêndice I – A),

Na época dele eram três os principais clubes de Juiz de Fora: Tupi, Tupinambás, Sport e Volante, este último era composto pelos motoristas. Então, ele não declarava para que time ele torcia, mas ele era Sport. Naquela época, esses clubes eram presididos por pessoas que se eternizavam nos cargos; ou se não se eternizavam, como o Sr. Caputo na presidência do Sport, eles eram como presidentes extraoficiais nos clubes. O presidente eleito antes de assumir suas funções, ia consultar essas pessoas. Era o senhor José Paiz Soares no Tupinambás, o senhor José Calil Ahouagi no Tupi e o senhor Francisco Queiroz Caputo no Sport. Então esse triunvirato de dirigentes de clube, eles tinham uma relação de muita amizade.

Com a chegada do regime da Ditadura no Brasil, Arides tinha como opinião que os clubes do interior iriam se enfraquecer devido à forma com que os dirigentes promovidos pelo novo governo passaram a controlar o futebol nacional, dando mais forças aos times da capital. O jornalista era a favor de se montar um time só, através da junção de Tupi, Tupinambás, Sport e Volante. Mas, com a negativa do Tupi, o projeto não pôde ser realizado, algo que

deixou Arides muito chateado com o clube, a tal ponto de não querer a bandeira do clube em cima de seu caixão quando viesse a falecer.

Então o Tupi decidiu disputar o campeonato sozinho. E até hoje é o único representante da cidade no campeonato mineiro, mesmo à duras penas, porque até o patrimônio o clube já perdeu. O papai até o fim da vida permaneceu no conselho do Sport. E ele ficou muito magoado com o Tupi, porque o Tupi não tinha aceitado a proposta da união em um time só e disputar o campeonato mineiro, se chamando Manchester. Ele ficou magoado a tal ponto que quando adoeceu ele falou assim comigo. No meu enterro, pode colocar bandeira do Botafogo, do Fluminense, da CBD, mas não põe a bandeira do Tupi sobre o meu caixão. (Apêndice I – A)

Fora da redação, o jornalista tinha como hábito comparecer assiduamente à Churrascaria Palácio (apêndice II – A) onde conversava com seus amigos sobre futebol, tomando sempre seu uísque e trajando seu inconfundível terno de linho branco (apêndice II – B).

E eu encontrava muito com ele na Churrascaria Palácio, que era no fundo da Rua Halfeld, ali onde é a Drogaria Americana. E juntamente com o Adão Akauí, eu sempre me encontrava com o Arides às tardes. E nós tínhamos bastante encontros e eu lidava muito bem com ele. (Apêndice I – F)

Tendo sido o primeiro diretor de uma instância pública ligada ao futebol, como diretor de esportes de Juiz de fora em 1941 (apêndice II – I), mesmo depois de se aposentar, ainda continuou muito ligado ao esporte da cidade. Ingressou como presidente do Panathlon Clube em 1980, sendo figura fundamental para a consolidação do clube na cidade. Segundo Juarez Venâncio (apêndice I – C),

Essa época o Panathlon estava começando. Então era preciso colocar à frente do clube uma pessoa que fosse conhecido na nossa cidade, pra poder divulgar o Panathlon. Se você colocasse uma pessoa que não tivesse esse contato, seria muito difícil, e o Arides se encaixava perfeitamente nesse perfil pelos gestos de bondade e comunicação que ele fazia. Então ele ajudava muito o Panathlon com esse trabalho que ele realizava. Ele era muito das reuniões do Panathlon, onde ele estava sempre presente participando de tudo.

Nesse período, Arides foi fundamental para a criação do Cesport, o Centro de Apoio ao Esporte Amador Professor Caetano Evangelista, criado pelo Prefeito Mello Reis para incentivar a prática esportiva em Juiz de fora. Mesmo depois de uma grande atuação durante a época áurea do futebol nacional, o jornalista continuou interessado em contribuir para o esporte local até o final de sua vida. A influencia que teve como presidente do Panathlon dentro da prefeitura de Juiz de Fora na década de 1980, fez com que se tornasse real a base que hoje se tem quando se fala em políticas de inclusão social através do esporte. Segundo Maria Luisa Morais (apêndice I – C),

o prefeito Mello Reis queria criar alguma coisa que apoiasse o esporte amador na cidade. Então ele começou a conceber o que hoje é a secretaria municipal de educação e que na época nós concebemos o Centro de Apoio ao Esporte Amador Professor Caetano Evangelista, o Cesport. E naquela época, o Arides era presidente do Panathlon Clube de Juiz de Fora, que fazia suas reuniões no Clube Bom Pastor. E quase todos os meses o Arides me convidava pra participar da reunião. E esse Cesport foi concebido a principio pela prefeitura e o Arides abraçou a causa para que nós concebêssemos o Cesport na forma de como ele era na época, com salas destinadas às ligas esportivas e reuniões esportivas, possuindo também um alojamento para quando houvesse necessidade. O Arides foi um grande incentivador da ideia do Cesport.

Arides Braga faleceu em 11 de outubro de 1987, aos setenta anos de idade. O velório aconteceu na Câmara Municipal de Juiz de Fora. O jornalista deixou não somente um legado para os jornalistas que podem o ter como espelho. Deixou, sobretudo, um legado de amor a profissão e respeito pelos profissionais que trabalhava. A paixão pelos esportes e pelo futebol, agregada à brilhante carreira jornalística, é algo que fez com que o nome de Arides Braga seja conhecido como a de um pioneiro do jornalismo esportivo em Juiz de fora e no Brasil.

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista as principais diferenciações entre as mais diferentes fases em que os conceitos sobre documentário foram elaborados e as diversas formas que se tem para a confecção desse tipo de material, foi possível observar como este tipo de produção fílmica é um importante instrumento de preservação de memória, seja ela individual ou coletiva.

Por meio de fontes escritas ou orais, o documentário é uma ótima ferramenta para contar a história de um povo, de uma nação ou até mesmo de um indivíduo que foi parte importante da história social de uma cidade por exemplo. Mesmo com a falta de documentos escritos, através da narração de pessoas próximas ao indivíduo, é possível contar a história através desses relatos, sendo posteriormente comprovados através de minuciosa pesquisa.

Nesse sentido, na confecção tanto da biografia de Arides Braga, a que se refere o quarto capítulo desse trabalho, quanto na confecção do documentário, foi necessário e produtivo utilizar de alguns dos conceitos discorridos ao longo do presente trabalho. Na parte biográfica, foi possível transformar fontes orais em fontes matérias, que podem agora ser utilizadas como fonte de pesquisa para interessados no tema. Cada uma dessas fontes orais tiveram as informações comprovadas, seja por relatos que as corroboravam ou por documentos físicos. Na parte audiovisual, utilizou-se da entrevista de Laerte Braga para guiar todas as outras entrevistas, podendo uma preencher e dar veracidade a outra. As próprias pessoas que eram as mais próximas do personagem estudado contaram sua história, dando idoneidade ao material e criando uma relação mais íntima com quem está assistindo o material.

Descobrir detalhes da vida e da trajetória profissional de Arides Braga foi uma grata surpresa para um jovem postulante a jornalista. A história do jornalista se confunde com a história do jornalismo esportivo brasileiro e juiz-forano.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRADE, Ricardo. **Tecnologia, memória e a formação do profissional arquivista**. Rio de Janeiro, 2006.

ANDRÉ, Alberto. **Ética e códigos da comunicação social**. 4.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Scipione, 1995.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: seguindo a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Arides. **Futebol, futebolistas e etc**. Juiz de Fora, 1977.

BROCKMEIER, Jens. **Depois dos arquivos**. São Paulo: Pena, 2010.

CERVO, Amado L. & BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

D'ALÉSSIO, Márcia: **Memória e construção de identidade**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DELEUZE, G. **A imagem tempo: cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As regras da metodologia sociológica**. Paris: Flammarion, 1989.

DUVIGNAUD, J. **A cultura social**. Paris: Flammarion, 1990.

FILHO, José Procópio. **Salvo erro ou omissão**. Juiz de Fora: Esdeva, 1979.

FRANCO, Marília. Linguagens audiovisuais e cidadania. In: **Comunicação e Educação: comunicação plural**. Número 9. São Paulo: Moderna, 1997.

GODOY, Hélio. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Os marcos da memória social**. Barcelona: Antropos, 1952.

KARAM, Francisco J. C. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KEMP, Paul. Identidade e formatação social. São Paulo: Moderna, 2003.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Luiz Costa. (Org.). Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: **Teoria da Comunicação de Massa**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. 3 Ed. São Paulo: Brasiliense,

1995.

MANCUSO, Maria. **Memória e sociedade: a dimensão teórica**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MATCK, Artur. **O potencial ideológico da televisão: comunicação e arte na perspectiva do receptor**. 2.ed. São Paulo: Annablume- Eca-Usp, 2000.

MELO, Cristina; MORAIS; Wilma de; GOMES, Isaltina. **O documentário como gênero jornalístico televisivo**. Campinas, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social**. 18.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NICHOLS, Bill. **Representação da Realidade**. Indianapolis: IUP, 1991.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Lisboa: Cosmos, 1991.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos históricos. v.2, n.3. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos históricos. v.5, n.10. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992.

RIDENTI, Marcelo. Cinema: em busca do Brasil. In: **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAMPAIO, Walter. O documentário. In: **Jornalismo audiovisual: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema**. 2.ed. São Paulo: Vozes, 1971.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22 Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVESTRE, Cláudia. **Documentarismo Português na Televisão: O discurso nos documentários com expressão**. Lisboa: IPB, 2006.

SQUIRRA, Sebastião. Os documentários e os novos acionistas. In: **O século dourado: a comunicação eletrônica nos EUA**. São Paulo: Summus, 1995.

VIANNA, Romeu. **Minha terra, minha gente: A história pitoresca de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Esdeva, 1983

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2009.

APÊNDICE I - ENTREVISTAS

ENTREVISTA A:

Entrevista com LAERTE BRAGA.

Filho de Arides Braga.

Data: 20/01/2014, às 16hrs (duração: 40 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Laerte, fale um pouco sobre o Arides pai.

R: Era uma figura extremamente carinhosa, muito dedicada aos filhos, com uma capacidade incrível de compreensão das coisas, numa época em que a função do pai, era na maioria dos casos repressora, ele tinha um conceito de educação de conversa, tanto ele como minha mãe. Sempre foi uma amiga dos filhos. A gente tinha uma participação ativa na vida dele, tinha uma participação direta, integrando a gente ao ambiente dele, isso fez com que houvesse enormes facilidades pra gente em determinados aspectos da nossa educação.

2. Ele como homem na sociedade. Como você o descreveria?

L: Ele lidava muito bem com as pessoas, mas na sociedade ele tinha um outro lado. Quando ele não gostava de alguém ou de alguma coisa, ele se tornava feroz opositor, tendo uma característica até rude, certas vezes, no falar, no exprimir o pensamento dele. Mas sempre colocando suas ideias e princípios de forma bastante clara. Mas ele ocupou diversas funções fora do jornalismo, fora do âmbito do esporte, como consequência dessa capacidade agregadora que ele tinha. Ele era capaz de solucionar problemas. Ele não era um homem de causar problemas. Era aquela pessoa que intermediava brigas de amigos, situações complicadas; era uma pessoa com uma percepção intuitiva e cultural de que a linguagem era a principal ferramenta de crescimento humano, de conquista, de avanço, e isso era extremamente positivo.

3. Então você aprendeu muito com ele?

R: Sim, ele era uma pessoa muito inteligente. Ele teve fases. Ele se formou em Educação física pela antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal Fluminense, morando um

período no Rio. Nesse período, trabalhou no jornal O Globo. Fez amizade com jornalistas como Antônio Maria e Jorge Couri. Gostava de boemia e lidava muito com os boêmios da cidade; passou a ser um deles. E tinha o mundo do futebol que era o mundo dele. Ele foi diretor do Botafogo, Juiz do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, Conselheiro arbitral da antiga Confederação Brasileira de Desportos e diretor de uma Companhia seguradora. Entrava no Lions, entrava no Panathon. Isso fez com que nós pudéssemos conviver com essas pessoas. E tem um detalhe importante, nunca teve preconceito com nada.

4. Como começou a carreira do Arides Braga?

R: No Jornal O Globo ele trabalhou no Rio e depois foi correspondente em Juiz de Fora na Rádio Esportiva. Na Rádio Nacional foi comentarista de futebol por muito pouco tempo, sendo como um estagiário. Posteriormente voltou para Juiz de Fora quando se formou. No Rio Foi também diretor do Botafogo, ocupando essa função quase que pela vida toda, porque os laços dele com o clube eram muito profundos. Os amigos dele do futebol daquela época tinham diferenças fundamentais com os jornalistas de hoje. A forma de gerir era muito diferente. Sempre era uma grande figura que sustentava o clube ou então todo mundo fazia uma vaquinha para renovar o contrato do Garrincha; era tudo dessa maneira. Depois ele voltou para Juiz de Fora, criando um jornal que era geral, onde ele era o editor, e posteriormente foi para os Diários Associados (Diário Mercantil e Diário da Tarde). No Diário Mercantil ele manteve por cinquenta anos, mais ou menos, a coluna Diz que diz diário, sobre futebol, incluindo, às vezes, comentários políticos. Nessa coluna ele assinava como Sedira, que era o nome dele ao contrário. No Diário da Tarde ele manteve, por muitos anos a coluna Pessoas e fatos da cidade que tratava de tudo, menos de futebol. Era uma coluna de fatos, às vezes um tanto quanto agressiva, como por exemplo, uma vez em que publicou uma lista dos dez mais chatos de Juiz de Fora, causando um escândalo com pessoas proeminentes da cidade. Nos clubes, trabalhou no Botafogo e foi presidente várias vezes do Panathon, onde era reeleito sucessivamente. Foi presidente do Lions. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas, sendo ele quem comprou aquela sede que o sindicato tem em uma de suas gestões. Foi presidente da Federação Nacional de Jornalistas Profissionais na época da intervenção, onde fez parte de uma junta de jornalistas. O conjunto do trabalho dele rendeu a ele um prêmio concedido pela Unesco; o prêmio Fair Play, concedido ao desportista do ano. Era uma pessoa do mundo como jornalista.

5. Você estava falando dele como dirigente. Mas ele também tinha uma relação de muita amizade com o João Havelange. Conte como era essa relação.

R: O papai tinha uma característica interessante. Era muito observador. Naquela época o futebol brasileiro tinha seus maiores craques no Rio de Janeiro, sendo o futebol de São Paulo também bastante expressivo. E existia um grupo restrito de presidentes. O Havelange, por exemplo, é presidente de honra do Fluminense; o João Lira Filho era Botafoguense; o Canor Coelho era botafoguense; o João Saldanha era Botafoguense. Então era mais fácil você criar

grupos de amigos, de um lado pessoas ligadas ao Flamengo e ao Botafogo, e de outro lado ligadas a Flamengo e Vasco. No Fluminense e Botafogo havia um corredor de comunicação entre os clubes devido a essas amizades, e ele fazia parte do chamado “Grupo do Havelange”, sendo o grupo que ficou à frente da CBD por muitos anos. E o Havelange sempre mantinha as pessoas nos mesmos cargos durante as suas administrações e o papai sempre desempenhou suas funções na parte de imprensa ou no STJD. Nesse tempo, o Brasil teve o Zezé Moreyra como técnico e perdeu uma Copa em um jogo traumático contra a Hungria do Puskas em 1954. E havia uma dúvida muito grande de quem seria o técnico em 1958. E ninguém conhecia o Feola direito, mas ele dava muitos títulos ao São Paulo. E foi aí que o papai teve a ideia de sugerir o nome do Feola para o João Havelange, que gostou da ideia, porque o Feola não contrariava a ninguém. E o nome do Feola foi então escolhido. Foi a primeira vez que se formou uma comissão técnica. O Carlos Nascimento era o supervisor, o Abílio de Almeida o coordenador. O Feola era do São Paulo e o Carlos e Abílio do Fluminense. Mas o Feola foi uma lembrança dele. Já o Paulo Machado de Carvalho foi uma decisão do Havelange para fazer uma composição de São Paulo e evitar um desgaste político, pegando um administrador muito eficiente e com uma capacidade de organização muito grande, ajudando o Brasil a ganhar a Copa de 1958.

6. Arides escreveu o livro “Futebol, Futebolistas e etc.”, contando um pouco da história do esporte na cidade. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre essa relação dele com os desportistas da cidade.

R: Na época dele eram três os principais clubes de Juiz de Fora: Tupi, Tupinambás, Sport e Volante, este último era composto pelos motoristas. Então, ele não declarava para que time ele torcia, mas ele era Sport. Naquela época, esses clubes eram presididos por pessoas que se eternizavam nos cargos; ou se não se eternizavam, como o Sr. Caputo na presidência do Sport, eles eram como presidentes extraoficiais nos clubes. O presidente eleito antes de assumir suas funções, ia consultar essas pessoas. Era o senhor José Paiz Soares no Tupinambás, o senhor José Calil Ahouagi no Tupi e o senhor Francisco Queiroz Caputo no Sport. Então esse triunvirato de dirigentes de clube, eles tinham uma relação de muita amizade. A relação dele com os clubes era amistosa, mas em determinado momento ele entendeu que os clubes da cidade estavam perdendo força no Estado, e que eram mais interessante concentrar os recursos em um time só, onde os três clubes se unissem e a diretoria fosse colegiada para o time pudesse disputar o campeonato com chances. O Senhor Caputo concordou com a ideia dele de união. Já o pessoal do Tupi não concordou, porque o senhor José Calil Ahouagi já tinha morrido, e a nova direção não concordou. O Tupinambás decidiu parar com o futebol por causa dos custos, e ficou naquela situação; se os outros fossem eles também iriam. Então o Tupi decidiu disputar o campeonato sozinho. E até hoje é o único representante da cidade no campeonato mineiro, mesmo à duras penas, porque até o patrimônio o clube já perdeu. O papai até o fim da vida permaneceu no conselho do Sport. E ele ficou muito magoado com o Tupi, porque o Tupi não tinha aceitado a proposta da união em um time só e disputar o campeonato mineiro, se chamando Manchester. Ele ficou magoado a tal ponto que quando adoeceu ele falou assim comigo. No meu enterro, pode

colocar bandeira do Botafogo, do Fluminense, da CBD, mas não põe a bandeira do Tupi sobre o meu caixão. E antes ele tinha uma relação estreita com o senhor José Calil Ahouagi, frequentando o Tupi. Até o final da vida ele continuou no Sport. Ele e o senhor Caputo eram muito íntimos. Eles subiam a Rua Halfeld de braços dados, naquele footing tradicional, e as outras ligações ele manteve no Rio através do Canôr Simoes Coelho, que era dirigente do Botafogo. Ele ia muito lá e sempre permaneceu no quadro de dirigentes do Botafogo, só que mais em uma função de honra. Se ligou muito também a pessoas do Fluminense. Ele trazia muito o Luiz Murguel aqui em Juiz de Fora para fazer palestras, tanto na parte de futebol quanto de medicina, porque ele era cardiologista. Ele participava muito também da organização de campeonatos de bairros. Os Diários Associados investiam muito nesse tipo de promoção, e era ele quem coordenava tudo. Uma vez até trouxe o Evaristo de Macedo, que estudou no Granbery para jogar, quer dizer, um jogador que jogou no Real Madrid e no Barcelona. Só com esses exemplos você vê como ele se envolvia no esporte da cidade.

7. No período da Ditadura. Como ele se posicionava politicamente?

R: Ele nunca foi um homem de esquerda, mas também não era necessariamente um homem de direita. Quando o governo militar destituiu a diretoria do Sindicato da Federação Nacional de Jornalistas Profissionais, eles o convidaram para assumir a federação. Então ele impôs algumas condições. O Carlos Alberto Andrade Pinto era ligado ao Jango e estava preso. Então ele pediu que dessem asilo político ao Carlos como uma das condições. Ele tinha esse espírito conciliador, chegando a ser convidado a ser Ministro da Previdência, mas recusando o cargo com duas alegações: não entendo nada de previdência e tenho dois filhos comunistas. Então ele recusou o cargo. Ele era muito leal. Nunca foi a favor da ditadura, mas preferia não se manifestar para proteger algumas pessoas. No dia do golpe militar ele pegou o Lindolfo Hill que foi o primeiro vereador do Partido Comunista de Juiz de Fora o levou para almoçar lá em casa, para dar um jeito de dar fuga a ele. Ele tinha essa característica conciliadora. Outro fato interessante que eu posso citar é que ele era oficial de justiça da Auditoria da quarta região militar. Durante a ditadura ele foi até Brasília, conversou com um Ministro e pediu a aposentadoria; explicou que não era homem de prender ninguém, muito menos pelas suas ideias. Ele morreu em outubro de 1987, mas eu me lembro de que um mês antes, estávamos eu, ele e João Saldanha na Livraria Península, que tinha ali no edifício Brumado, e chegou uma pessoa perto dele e disse: “Arides, eu não sei com é que você consegue conviver com esses dois comunistas”, então ele levantou as mangas da camisa, bateu no braço e disse assim: “Tá vendo aquele ali, é meu filho, o sangue que corre nas veias dele corre aqui, então eu não sei se eu estou certo ele errado ou o contrário, então deixa ele ser comunista”. Ele tinha essa visão de mundo, não restritiva, não arbitrária. E aqui em Minas ele era filiado ao Partido Republicado, de Arthur Bernardes, ele era Bernardista e Dilermanista por causa do Dilermando Cruz que foi prefeito de Juiz de Fora.

8. Então qual foi a real importância dele para o esporte de Juiz de Fora?

L: Ele conseguiu algo muito difícil, porque foram dois os maiores jornalistas esportivos que a cidade teve: ele e o Mário Helênio. Acho que os dois conseguiram influir decisivamente no processo dos esportes da cidade, o Mário Helênio optou mais pelo vôlei e ele pelo futebol. Ele conseguiu juntamente com o Chico Cortez, que era presidente da Federação Mineira de Futebol, que a seleção mineira que jogava o chamado Campeonato Brasileiro de Estados, fosse representada apenas por jogadores de Juiz de Fora. Ele contribuiu para o esporte pelo simples fato de dar continuidade aos projetos esportivos, o que teve um impacto social muito importante na cidade.

ENTREVISTA B:

Entrevista com ISMAIR ZAGUETTO.

Jornalista

Data: 20/01/2014, às 17h30min (duração: 20 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Ismair, fale um pouco sobre Arides Braga.

R: Você está me dando a oportunidade de falar de uma pessoa que foi muito importante na minha vida profissional. Arides Braga é uma lembrança sempre muito carinhosa. Porque o Arides, entre todas as suas virtudes, estava a sua generosidade. Então aqueles que começavam a carreira jornalística encontravam sempre no Arides um protetor, levando sempre em conta, quando se fala de jornal nesse tempo. Você não tinha o curso de comunicação, você não tinha a FAFILE, então a origem dos novos profissionais era exatamente no talento pessoal que a pessoa pudesse ter e na oportunidade de alguém que estivesse dentro do jornal pudesse te oferecer. Eu tive essa oportunidade através do Hércio Valério. Talvez essa oportunidade não prosperasse se não fosse a bondade do Arides. Ele deixou que essa carreira continuasse e deixasse que eu fosse um redator de notícias esportivas. E neste período é que eu tive a oportunidade de trabalhar ao lado de Arides Braga. Eu posso te dizer que o esporte da cidade de Juiz de Fora deve muito ao Arides. É preciso entender as condições culturais da época. Não se tinha os profissionais de comunicação. Quem fazia os jornais da época eram pessoas que já tinham outro emprego, mas que se satisfaziam em escrever no jornal. O esporte deve muito a ele por essa doação, por amor. Ele era funcionário da justiça militar e cobria o esporte na cidade. Foi alguém que batalhou muito para que essa profissão de jornalismo prosperasse. Foi alguém que abraçou uma causa. Se você folhear os jornais dos Diários Associados vai ver o quanto ele contribuiu para que esse jornal tivesse vida. É preciso se imaginar o tempo em que se vivia. Sobretudo o Diário Mercantil que circulou desde 1912 até 1983, tendo uma vida de 71 anos, em um século onde tudo aconteceu. Esses jornais foram testemunhas de um tempo extraordinário que a cidade viveu, de um tempo pioneiro. E falando do Arides, a principal

característica que me vem à cabeça é a generosidade. Esse traço tão marcante dele, que é a generosidade. Quando você fala que uma pessoa é generosa, você está falando que essa pessoa é boa. E o Arides era um cara bom. Ajudou muita gente, e como todos os jornalistas da época teve sua parcela de doação pra cidade, em um tempo que não se podia chamar de jornalista quem fazia jornal na época.

ENTREVISTA C:

Entrevista com JORGE COURI.

Jornalista

Data: 22/01/2014, às 16hs (duração: 15 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Sr. Jorge, como o senhor conheceu o Arides?

R: Eu trabalhava no Diário Mercantil e no diário da Tarde. Era um contato mais de trabalho. Ele fazia mais a parte esportiva. Ele tinha uma coluna chamada Sedira, que era o nome dele de traz pra frente. Era uma relação normal de amizade. Ele tinha um trabalho que era mais separado da gente. Era um cara bacana e brincalhão. Na época o sindicato dos jornalistas, no qual ele era presidente, era carta número um. O pessoal de Belo Horizonte queria acabar com o sindicato daqui de Juiz de Fora e ficar somente com o de Belo Horizonte. Mas o Arides não deixou. Não abria mão do sindicato de Juiz de Fora ser carta número um.

2. E como era a relação dele com os presidentes dos clubes de Juiz de Fora?

R: Ele se dava bem com todo mundo, com qualquer presidente. Tinha amizade com seu Tuffy, com Caputo, com Paiz Soares, com todo mundo.

3. Ele era muito diferente fora da redação?

R: Ele era um cara muito bom, e tinha suas manias. Ele passava no jornal, conversava com a gente, deixava a coluna pronta com o editor chefe, depois ia tomar o uísque dele. Era batata, cinco horas da tarde, ele descia na Palácio e ia tomar o whisky dele. Ele discutia o esporte com todo mundo. Se dava com todo mundo. Em uma oportunidade, antes da Copa de 78, ele me perguntou: “Jorge, quer ir na Copa comigo?” e eu disse que sim, nunca havia ido a uma Copa. Mas no final deu uma confusão que a gente acabou não indo, mas acho que era só

brincadeira. Mas ele era um cara muito dado com todo mundo, não tinha conversa ruim, Era um cara aberto e muito brincalhão, deixava espaço pra gente brincar com a gente.

ENTREVISTA D:

Entrevista com HAMLET PERNISA.

Professor

Data: 21/01/2014, às 16hs30min (duração: 15 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Em qual oportunidade o senhor conheceu o Arides?

R: Conheci o Arides no Jornal, porque eu tinha um time de futebol chamado Tupiniquim. E eles pegavam notícias para colocar no jornal. Isso aconteceu em 1963 antes que eu fosse pra faculdade em Belo Horizonte. E quando eu estava na faculdade eu me tornei juiz de voleibol. Então eu vinha muito a Juiz de Fora apitar de graça a pedido pro Mário Helênio e do Arides. Depois eu lidei mais ainda com ele quando fundei o Panathlon juntamente com o Mario Helênio e outras figuras em 1976. O Panathlon é como um Lions e nas nossas reuniões nós ficamos conversando sobre esporte. E precisávamos de quem se interessasse de verdade pelo clube. Então de 1980 até 1987 o Arides era presidente. E nessa época eu ia muito a casa dele levar documentos e nós batíamos muito papo sobre esporte. Nessa época nós ficamos muito próximos. Ele foi um presidente muito sociável. Nessa época ele já não era mais jornalista. Já estava mais em casa. Pra nós foi ótimo ele como presidente.

2. Como foi o Arides presidente do Panathlon?

R: Uma das coisas grandes como presidente foi que em 1981, nós fizemos juntamente com o Prefeito Mello Reis, o Cesport. As competições esportivas na cidade cresceram a tal ponto que nós precisávamos de um centro onde pudéssemos agregar todas as modalidades. E isso aconteceu quando o Arides era presidente. De 1980 a 1987 ele foi reeleito várias vezes. Ele era uma pessoa muita amiga. Sempre pedia dicas e era sempre solícito. Sempre conduzia as reuniões com muito prazer. Nós fazemos hoje a nossa reunião no Cesport, mas antes nos reuníamos nos mais diferentes clubes. Então ele conhecia muito essas pessoas dos clubes e isso nos ajudou muito. Ele conhecia todo mundo e era muito rígido em aceitar novos integrantes no Panathlon.

ENTREVISTA E:**Entrevista com SÉRGIO COSTA DE PAULA.****Superintendente do Sindicómércio.****Data: 20/01/2014, às 15hs30min (duração: 15 minutos).****Entrevista realizada por Vitor Ramos.****1. Sérgio, como você conheceu Arides Braga?**

R: Conheci Arides Braga através do Panathlon. Ele era presidente quando eu fui convidado a tomar parte no clube. As reuniões aconteciam no Clube Bom Pastor e lá nós tivemos um contato muito grande. Admirei a pessoa do Arides, era um jornalista esportivo muito preocupado com as coisas do esporte. A partir do clube ficamos amigos, porque ser panathleta significava ser amigo do esporte, e então convivemos bastante. Ele fora do trabalho, já aposentado, tivemos um relacionamento muito bom. Era agradável porque o Mario Helênio também fazia parte do clube, então as conversas sobre esporte era sempre muito interessantes.

2. Como era o homem Arides?

R: Era uma pessoa extraordinária. A sua esposa Zezé era muito conhecida minha, pois era vizinha do meu futuro sogro. Eles moravam na Rua Floriano Peixoto e, às vezes, eu ia até a casa dele e era muito bem recebido.

3. Como era essa inserção dele dentro do esporte da cidade.

R: Era muito grande. Ele era uma pessoa respeitada. A penetração dele era como jornalista, não envolvia com os clubes, mas o que ele escrevia e falava era bastante respeitado. Ele tinha uma presença marcante na cidade e bastante significativa para todo o desporto juiz-forano.

4. Fala um pouco dele como presidente do Panathlon.

R: Era preocupado, exigente, pontual em suas reuniões, sempre tendo uma palavra que percebesse de negativo no desporto. Enfim era uma presença muita interessante e um conhecimento muito profundo a respeito do desporto.

ENTREVISTA F:

Entrevista com GERALDO MAGELA.

Ex-treinador do Tupi.

Data: 21/01/2014, às 14hs30min (duração: 20 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Sr. Geraldo, como o senhor conheceu o Arides?

R: Conheci o Arides porque eu lidava no futebol, e ele era um dos homes que escreviam sobre futebol pros Diários Associados. E como eu lidava muito com futebol, eu tive a oportunidade de conhecê-lo, principalmente quando eu fui ser técnico profissional do Tupi. Porque quando eu era treinador do juvenil do Tupi ele pouco falava de mim. E aconteceu um fato muito interessante quando eu era treinador do juvenil do Bonsucesso. O Sargento Herédia era o treinador do profissional do Tupi e não ganhou nenhum jogo, e no último jogo do Campeonato que era contra o Tupinambás, ele não quis ficar à frente do time. E eu, como já tinha algum tempo que estava no juvenil do Bonsucesso, fui chamado pra dirigir o Tupi contra o Tupinambás. Como o Tupi não tinha ganhado nenhuma partida, eu aceitei dirigir nesse dia. Como eu não conhecia ninguém do Tupi, eu inscrevi alguns jogadores do juvenil do Bonsucesso e fomos para o jogo. Ganhamos por três a zero. E nesse dia o Arides Braga estava lá. Foi o dia em que eu o conheci pessoalmente. Quando foi na segunda-feira o Diário da tarde traz a manchete: “Herédia reserva surpresa para o fim do campeonato: Tupi bate Tupinambás por três a zero”. Então ele não se lembrou de mim, mas eu não fiquei muito chateado. Isso aconteceu entre 1947 e 1948.

2. E como foi a relação de vocês depois dessa época?

R: Mais tarde, quando eu fui ser auxiliar do Airton Moreira em 1954, eu conversava muito com o Arides porque ele sempre me telefonava pra eu fornecer noticias pra ele colocar no jornal, e ele me divulgava muito. E eu encontrava muito com ele na Churrascaria Palácio, que era no fundo da Rua Halfeld, ali onde é a Drogaria Americana. E juntamente com o Adão Akauí, eu sempre me encontrava com o Arides às tardes. E nós tínhamos bastante encontros.

Ele sempre me citava muito na coluna onde ele assinava Sedira. Ele fazia algumas notícias jocosas e ele me citou muitas vezes. Eu até agradecia ele, porque eu era um desconhecido e ele me citava.

3. Como era o Arides como jornalista?

R: Ele era bastante interessado. Ele não tinha time na cidade. Eu sei que ele trabalhava na auditoria militar ali na 12ª Auditoria Militar, e como jornalista era somente um hobby. Ele tinha muito prestígio com todos os clubes da cidade. Ele tinha grande relacionamento com senhor José Calil Ahouagi, com o senhor Caputo e com o senhor José Paiz Soares, que era o chamado Trio de Ferro do Futebol de Juiz de Fora. Esses três homens foram quem fizeram a grandeza do futebol de Juiz de Fora, e o Arides sempre estava junto deles. E ele era sempre bem informado com esses homens. Só que mais tarde ele se dispôs comigo, Ele me chamava de Geraldinho, mas não era meu amigo, apesar de me citar muito. Quando eu fui pro Olympic de Barbacena eu fui campeão contra o Tupi. O Mário Helênio e o João Batista tiveram a ideia de fazer uma revista contando a história do Olympic. E eles me pediram que eu os apresentasse à sociedade de Barbacena e eu os apresentei. E eles então venderam muitas revistas. Foi aí que o Arides me liga pra eu fazer a mesma coisa que eu fiz com o Mário, fazer com ele. Mas eu não quis. E aí ele ficou aborrecido comigo, tanto que ele nunca me citou no livro dele, mesmo eu tendo sido presidente da Liga de Futebol de Juiz de Fora. Ele cita quem me sucedeu, mas não cita meu nome.

ENTREVISTA C:

Entrevista com JUAREZ VENÂNCIO.

Professor.

Data: 22/01/2014, às 14hs (duração: 15 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Juarez, como você conheceu o Arides?

R: O meu pai foi colega dele no Granbery no fim da década de 1920 e começo da década de 1930. Então eles foram contemporâneos lá. E mais pra frente, quando eu já era nascido, meu

pai sempre lia os jornais em que ele escrevia nos Diários Associados. Então ele me falava “Sedira é o pseudônimo do Arides” que era o nome dele de trás pra frente. Então eu tomei conhecimento sobre o Arides através desses jornais e desse contato dele com o meu pai. Depois, muito tempo depois, mexendo com o esporte na Academia de Comércio, a gente ia na sede dos Diários Associados e na redação eu conheci o senhor Arides. Ele era uma pessoa marcante, pelo tamanho, pelo físico ele se impunha. Um homem de fácil diálogo, boa praça e era um homem sempre pronto a dar informação e a conversar com você. Depois, levando as matérias lá pros Diários Associados, a gente tinha mais contato com o Mário Helênio, que era quem tinha mais contato com esse chamado esporte amador, mas também tivemos muito contato com o senhor Arides. E foi ele quem lançou os fundamentos da história do futebol. Pegando o livro que ele escreveu “Futebol, futebolistas e etc.”, você que o início do futebol em Juiz de Fora passa por aquelas informações que o Arides nos dá do início do século XIX chegando até as últimas décadas do século XX. Então você observa que o senhor Arides foi realmente um homem que participou da vida social da cidade com o Lions, o Rotary e no esporte, além do trabalho como jornalista, participou do Panathlon, onde foi presidente de 1980 a 1987, fazendo um trabalho muito bom. O Panathlon reunia-se quase sempre no Bom Pastor, e ele era aquela pessoa que comandava as reuniões com grande prazer e amor pelo Panathlon. Ele fundou a Associação dos Cronistas Esportivos, fundou a o Sindicato dos Jornalistas profissionais de Juiz de Fora, e foi o primeiro diretor de um órgão esportivo na prefeitura, na época do Dilermando, em 1951 ele foi nomeado diretor de esportes do município. Então, ali os órgãos públicos começaram a tomar consciência do esporte, e o Arides foi a pessoa que começou tudo isso.

2. Qual é a importância que ele teve para o esporte local?

R: Ele era o editor, tanto do Diário Mercantil quando do Diário da Tarde, o primeiro mais clássico e o segundo mais popular. Então ele teve uma importância muito grande porque ele divulgava esses acontecimentos, tanto do futebol quando do vôlei e do basquete. Além do mais, ele transitava muito bem nos clubes da cidade. Ele sabia conversar, era de fácil acesso. E nesses clubes, durante essa época, você vai encontrar dirigentes que marcaram a passagem deles pelos clubes. Agostinho José Feres, Francisco Queiroz Caputo, José Paiz Soares e o Calil Ahouagi. Então era fácil de transitar nessa área, e era ele que dava visibilidade para essas pessoas devido ao trabalho que ele fazia. Pertencia também à justiça militar.

3. Como foi a época em que ele foi presidente do Panathlon?

R: Essa época o Panathlon estava começando. Então era preciso colocar à frente do clube uma pessoa que fosse conhecido na nossa cidade, pra poder divulgar o Panathlon. Se você colocasse uma pessoa que não tivesse esse contato, seria muito difícil, e o Arides se encaixava perfeitamente nesse perfil pelos gestos de bondade e comunicação que ele fazia. Então ele ajudava muito o Panathlon com esse trabalho que ele realizava. Ele era muito das reuniões do Panathlon, onde ele estava sempre presente participando de tudo. Ele ajudou a criar o Cesport,

que foi uma obra do Mello Reis, e o Arides foi um dos participantes porque ele era presidente do Panathlon. Ele foi muito marcante no esporte da cidade. Ele conseguiu fazer uma transição de início de século XX até o final da década de 1980. Então você vê que ele tinha muita bagagem. Como Joao Batista, Mario Helênio e outras pessoas que tiveram muito peso no esporte da cidade. Nós não tínhamos essa comunicação de hoje, mas somente o que saía nos Diários Associados e nas rádios.

ENTREVISTA H:

Entrevista com MÁRCIO GUERRA.

Professor e jornalista.

Data: 24/01/2014, às 14hs (duração: 08 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Márcio, como você conheceu o Arides?

R: Eu comecei a trabalhar no Diário da Tarde em 1977, como diagramador, quando eu estava no segundo período da faculdade, e embora ele escrevesse para o Diário Mercantil, eu via, às vezes, aquela figura entrar pela redação para deixar a coluna. Na verdade, o Arides não frequentava a redação direto, ele ia entregar a coluna. E eu tinha por ele uma admiração muito grande, e um respeito e um medo, porque eu lia muito a coluna dele. E também foi uma grande surpresa saber que Sedira não era o nome dele, e sim um pseudônimo com seu nome invertido. E essa admiração também se dava porque eu sabia que ele tinha uma ligação muito forte com o Sport que é o meu clube e era o clube dele, e por saber que era uma pessoa que há muitos anos trabalhava e lutava pelo esporte da cidade. Então foram esses os primeiros contatos que eu tive com ele. No começo foi uma relação distante, porque eu diagramava o Diário Mercantil, e às vezes diagramava a coluna dele. E eu ficava preocupado se a coluna ia vir no tamanho certo, porque ele escrevia um pouco a mais e aí eu é quem tinha que dar um jeito. E depois, quando eu tive a oportunidade de conversar mais de perto com ele no Sport e na redação, foi sempre uma relação de muito respeito que chegou ao ponto dele me dar o livro dele que conta a história do futebol de Juiz de Fora.

2. Como era essa relação dele com os esportes de Juiz de Fora?

R: O Arides, no tempo dele já era um pesquisador. Num tempo em que ninguém se preocupava com isso, ele já tinha essa visão histórica, em preservar a memória do esporte da

cidade, que era uma coisa que sempre me chamou a atenção e que eu procuro seguir até hoje. Nos clubes da cidade ele também tinha uma relação muito boa. Ele transitava por todos os clubes, mas todo mundo sabia que ele torcia pelo Sport, então ficava aquela coisa de alguns falando que ele puxava para o lado do Sport, mas sempre foi muito profissional e de muito respeito, até porque os dirigentes daquela época também eram muito respeitados. Eles se faziam respeitar pela qualidade do trabalho deles.

3. Qual é a importância que ele teve para a cidade de Juiz de Fora?

R: Eu acho que é uma importância na dimensão do que foi Mário Helênio, do que foi João Batista de Paula, Dirceu Costa Ferreira, pessoas que deixaram uma escola no jornalismo. O Arides especialmente no jornalismo impresso. Uma história dentro do jornalismo esportivo, que é especialmente marcante, por conta desse tipo de preocupação com a história e com o esporte da cidade. Ele amava o esporte da cidade. Esse é um grande legado que ele deixa.

ENTREVISTA I:

Entrevista com MARIA LUISA MORAIS.

Professora.

Data: 21/01/2014, às 15hs30min (duração: 10 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Maria Luisa, como você conheceu o Arides?

R: O Arides foi uma pessoa muito especial e muito importante para a cidade de Juiz de Fora, para o jornalismo e particularmente pra mim, muito embora a convivência com ele não tenha sido assim por um tempo muito longo, mas o tempo que passamos foi bastante intenso. Eu o conheci quando ele era colunista dos Diários Associados, quando ele escrevia uma coluna e assinava o nome dele ao contrário. Eu era professora da Universidade. Então eu o conheci como jornalista, como desportista, visto que ele tinha uma atividade muito intensa na área dos esportes, tendo um foco muito especial no esporte amador. Porque o esporte amador na cidade não tinha muita gente que interessava, como é até hoje. E eu fui Secretária de Educação do governo do prefeito Mello Reis de 1977 até 1982, e nesse período a cidade não tinha dentro da educação ou de qualquer outro setor, um setor ligado aos esportes. Então nós criamos o departamento de esportes dentro secretaria de educação da prefeitura, e esse departamento foi o embrião do que hoje é a secretaria de esportes. Então nessa época eu tive a oportunidade de

conviver mais de perto com o Arides. Posso dizer que o Arides era um homem extremamente educado e elegante. Ele gostava muito de usar o terno de linho branco. Além disso, era um homem contundente; não tinha isso de dourar a pílula. E o prefeito Mello Reis queria criar alguma coisa que apoiasse o esporte amador na cidade. Então ele começou a conceber o que hoje é a secretaria municipal de educação e que na época nós concebemos o Centro de Apoio ao Esporte Amador Professor Caetano Evangelista, o Cesport. E naquela época, o Arides era presidente do Panathlon Clube de Juiz de Fora, que fazia suas reuniões no Clube Bom Pastor. E quase todos os meses o Arides me convidava pra participar da reunião. E esse Cesport foi concebido a principio pela prefeitura e o Arides abraçou a causa para que nós concebêssemos o Cesport na forma de como ele era na época, com salas destinadas às ligas esportivas e reuniões esportivas, possuindo também um alojamento para quando houvesse necessidade. O Arides foi um grande incentivador da ideia do Cesport.

ENTREVISTA I:

Entrevista com WILSON CID.

Jornalista.

Data: 22/01/2014, às 17hs (duração: 09 minutos).

Entrevista realizada por Vitor Ramos.

1. Wilson, como você conheceu o Arides?

R: Eu comecei a conviver com Arides Braga em 1962, quando entrei para a redação do Diário da Tarde. Já o Arides tinha uma coluna que falava sobre esporte, e assinava Sedira, que era seu nome de traz pra frente. Embora eu nunca tivesse participado da editoria dele que era de esportes, eu tive uma convivência muito intensa com ele, porque o Arides foi uma peça muito importante no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora.

2. Como era o Arides jornalista?

R: Era um cara muito combativo. A coluna dele no Diário Mercantil era sempre muito polêmica, e ele era sempre muito bem informado sobre o esporte, não somente em Juiz de Fora, como também em todo país, porque ele disfrutava de uma amizade com uma pessoa muito proeminente no esporte nacional que era o Canôr Simões Coelho. Eles eram muito amigos e o Canôr estava sempre aqui com ele. Outra coisa é que o Arides como presidente do Sindicato dos Jornalistas profissionais de Juiz de Fora, participou de vários congressos no sul

de Minas, onde ele levava as suas teses. Uma informação muito importante sobre o Arides, que não pode passar em branco é que enquanto colaborador do Diário Mercantil, ele teve, junto à gerência, um papel muito importante na profissionalização. Os jornalistas deixaram de ganhar contribuições e passaram a ganhar um salário fixo. Então essa contribuição junto ao sindicato dos jornalistas, fez com que a classe devesse muito a ele. Tendo também em vista que a primeira carta sindical do Brasil é a do Sindicato dos Jornalistas de Juiz de Fora, O Arides sempre passou a vida lutando contra a ideia de alguns de fazer com que o sindicato de Juiz de Fora fosse extinto, e fizesse a fazer parte do sindicato de Belo Horizonte ou do Rio. Ele achava que se isso acontecesse nós perderíamos toda a nossa autonomia. E ele estava coberto de razão. O Arides sempre foi um batalhador pela causa da profissionalização. Ele sempre batalhou muito por isso. Ele sempre achou que o principal fundamento dos interesses da classe de jornalistas era o convívio entre os profissionais, porque era uma época em que havia uma disputa muito grande entres os jornais, e era preciso que os jornalistas não se deixassem envolver pessoalmente nessa disputa. Ele era um sujeito exitoso nesse quesito.

APÊNDICE II – IMAGENS DO JORNALISTA ARIDES BRAGA

A- Arides, Mario Helênio e amigos na Churrascaria Palácio. (Fonte: Acervo da família do jornalista Mário Helênio).



B - Arides trajando o seu tradicional terno de linho braço. (Fonte: Acervo da família do jornalista Mário Helênio).



C – Prêmio Fair Play dado a Arides Braga pela Unesco (Fonte: Acervo da família do jornalista Arides Braga).



D - Coluna "Diz que diz" de Arides Braga no Jornal Diário Mercantil de 03/05/1975.

(Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).

Diz que diz

O Tupi e o Sport venceram Paulistano e Vila do Carmo, respectivamente. O nosso futebol vai caminhando, e podem crer que dentro em breve, a torcida estará animada e incentivando mais ainda seus clubes prediletos.

xxx

José Carlos terá a sua oportunidade de ser titular da seleção brasileira, pois caberá a Minas formar a equipe que irá disputar a "Taça América" e o nosso conterrâneo é um dos "jogadores-chave" da equipe a ser formada.

xxx

O Botafogo venceu de seis, com quatro goals de Fischer ficava de fora até

para entrar o venerando Rogerio. E Nilson, não fez nenhum, ficando mais atrasado na lista dos principais goleadores.

xxx

Os nossos amigos que possuem barcas na Represa, Paulo, o da Brahma; Masson, Teo Assis e outros mais, estão torcendo para que se lembrem de colocar umas atrações ha mais ao belo lugar, pois com a melhoria da estrada (melhoria antendam bem) lá se vai melhor e os amigos estarão sempre desfrutando de um passeio nas águas e vendendo aquelas barcas singra-rem a Represa com muita categoria.

SEDIRA

E - Coluna "Diz que diz" de Arides Braga no Jornal Diário Mercantil de 08/05/1975.

(Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).

Diz que diz

Domingo cedo, no Restaurante Neide, a turma saboreava o seu drinque matinal e discutia o jogo do Botafogo com o Vasco, o nosso amigo Rodrigo Lemos de Paula, como sempre muito discreto, mas certo de que o Vasco venceria, enquanto o Wilsinho, da Neide, bota foguente, achava que das sa feita daria Bota, como deu e dizendo que seria de um a zero, gol de Nilson. E estava tão certo de que seria assim, que disse que se fosse ao contrário, pagaria os uísques, deixando de cobrar o que bebemos, afirmando que cobraria dobrado ou nada. Vai adivinhar assim no Ceará!

O Sport empatou em Barbacena e se viu às

voltas com inesperados problemas de jogadores, pois, para pedir não é proibido, como não é proibido recusar. E, mesmo com os desfalques de última hora, a turma periquita empatou em Barbacena com o Olympic, que não é fácil não! Sentimos não poder ir rever o nosso bom amigo, magistrado Newton Fonseca, paião de honradez e olimpiqueense, discretamente cem por cento.

Nilo Bastos Lima deu uma de Fittipaldi e está vendo que automóvel também vira, fora das pistas de Fórmula Um. Graças a Deus, Nilo está fora de perigo. Foi jogado que nem malha; mas não conseguiu "pontos".

SEDIRA

F - Coluna "Diz que diz" de Arides Braga no Jornal Diário Mercantil de 13/05/1975.

(Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).



G - Coluna "Diz que diz diário" de Arides Braga no Jornal Diário da Tarde de

02/01/1951. (Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).



H - Coluna “Diz que diz diário” de Arides Braga no Jornal Diário da Tarde de 14/01/1951. (Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).

DIZ QUE DIZ DIÁRIO...

SEDIRA

O vencedor Oceano dizia que agora o “branca” e o Tupi, quem tem dois votos nas assembleias da Liga de Desportos, esclarecendo: o dele e o do Giacomini... * Afinal de contas, será que os clubes vão continuar interessando-se pela entidade apenas no período eleitoral? * O sr. Olavo Costa doou à entidade perto de quinze mil cruzeiros para deixá-la sem dívidas. * A posse do sr. Gomes Filho será hoje, às 15 horas. * O pessoal do Tupi está com os seus preparativos carnavalescos encerrados. O Sport também. O Mariano... idem. * Hoje, Pia vs. Flu no Rio; amanhã, Botafogo vs. Vasco, enquanto na Paulicéia, jogará São Paulo e Ipiranga, no embate principal. * Em Belo Horizonte, o Atlético lutará amanhã com o Sete de Setembro e, se vencer, será o bi-campeão. Perdendo, o título irá para o Siderurgica. Empatando, ficará igualado a este. * A E. S. Turunas do Riachuelo fará realizar a sua festa no próximo dia 25. * O folião Courel que “tomou” noventa cruzeiros do sr. Gomes Filho vai apresentar uma candidata para “Rainha do Carnaval”. E nós iremos ajudá-lo. Diz o “General da Banda”, que a candidata é morena e bonita. * O Volante irá jogar no dia 31 em Santos Dumont com o Ferroviário. * Depois de amanhã, se Deus quiser, haverá mais.



I – Matéria do Jornal Diário da Tarde de 04/01/1951, falando sobre a nomeação de Arides como primeiro diretor de esportes municipal. (Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Juiz de Fora).

PARA UM!



O primeiro diretor de esportes municipais
Nomeado o nosso companheiro Arides Braga para o cargo

O executivo municipal havia criado a Comissão Municipal de Desportos e, em data de ante-onde, a prestes Dirlamante Cruz Filho nomeou para o cargo de diretor da referida comissão o nosso companheiro Arides Braga, o que causou viva satisfação em toda a cidade.

Na quase vinte anos, Arides Braga vem trabalhando as principais sedes esportivas dos jornais locais, sendo o primeiro e mais experiente da Região Sudeste de Juiz de Fora, exercendo as suas funções há dez anos nos “Diários Associados” e exercendo a direção de esportes do DIÁRIO DA TARDE desde a sua fundação.

A nomeação desse nosso companheiro causa viva satisfação, principalmente no

seio da família “Associada” e ele tem a honra de ser o primeiro desportista a ocupar o primeiro cargo público desportivo de nosso município.

7 de Setembro F. C. Convocação

A diretoria do 7 de Setembro solicita o pontual comparecimento dos seus jogadores do 1º e 2º quadros, no horário de costume, no campo da avenida Macareletas, domingo próximo, dia 7, para o jogo com o E. C. Bahia.

Ass. faltosos será punido severamente, sendo aplicadas as penalidades previstas no estatuto.

FOGE A LUZ!...

Está à venda em todas as livrarias o romance de C. L. Leal — FOGE A LUZ!... bela história de amor maternal, depois de ter sido encantadora história de amor no fim do século passado, em pleno apogeu do Império. É um correntão romance, de tocante simplicidade, no qual aparece uma linda mulher e seu filho, vivendo momentos de inenarrável angústia, para depois de uma longa separação se verem novamente.

Manual da Secretária Particular

(O mais completo no gênero)

Está à venda em todas as livrarias o livro da especialista norte-americana Bernice C. Turner — MANUAL DA SECRETARIA MODERNA.

J – Foto de Garrincha com Canôr Simões Coelho. (Fonte: Livro “Futebol, futebolistas e etc.” de Arides Braga).



L – Foto de João Havelange ao lado de Arides Braga. (Fonte: Acervo da família do jornalista Mário Helênio).

